

A IMPORTÂNCIA DOS PROJETOS DE LETRAMENTO PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM COLABORATIVO

Arisberto Gomes de Souza (UFRN)
aarisba@hotmail.com

RESUMO

Nesse texto, reunimos argumentos de diferentes autores para explicitar uma relevante característica dos projetos de letramento: o trabalho colaborativo. Buscamos compreender esse dispositivo didático a partir da ideia de ampla participação, que é condição *sine qua non* para seu desenvolvimento e implementação. Pensando, portanto, nesse dispositivo didático que tem como marca o processo colaborativo, objetivamos empreender uma discussão que ratifica a ideia dos projetos de letramento enquanto lugar do ensino-aprendizagem baseado na ampla cooperação. Nossas discussões buscam reafirmar os projetos de letramento como encadeamentos de ações de aprendizagem coletivas e colaborativas, mediadas pela leitura e pela escrita, que visam ao desdobramento de necessidades que surgem de interesses da vida cotidiana de estudantes e professores.

Palavras-chave: Letramento. Ensino-aprendizagem. Escrita. Leitura.

1. Introdução

Os projetos de letramento são práticas de letramento que têm “como ponto de partida a prática social, esses projetos visam atender a necessidades sociais e demandas comunicativas específicas de um determinado grupo, a partir de ações coletivas”. (OLIVEIRA, 2010c, p. 340)

Os projetos possibilitam o uso social e efetivo da leitura e da escrita, motivado por ocasiões em que os sujeitos escrevem e leem com vistas a demandas e necessidades comunicativas tanto no plano individual quanto no comunitário. (OLIVEIRA, 2008, p. 115)

O projeto de letramento funciona, então, a partir da constituição de comunidades em que a aprendizagem e o ensino se dão de maneira compartilhada. Interesses, conhecimentos e sentimentos são conciliados. Alunos e professores agem colaborativamente, em busca da contínua construção do conhecimento e para alcançar resultados que verdadeiramente interessem a todos. Pensando, portanto, nesse dispositivo didático que tem como marca o processo colaborativo, objetivamos empreender uma discussão que ratifica a ideia dos projetos de letramento enquanto lugar do ensino-aprendizagem baseado na ampla cooperação.

Tomando a literatura que trata dos projetos de letramento como base, procuramos articular argumentos no sentido de mostrar que esses dispositivos estimulam e se sustentam a partir da efetiva participação. Nossas discussões buscam reafirmar os projetos de letramento como encadeamentos de ações de aprendizagem coletivas e colaborativas, mediadas pela leitura e pela escrita, que visam ao desdobramento de necessidades que surgem de interesses da vida cotidiana de estudantes e professores.

2. Os projetos de letramento e o ensino-aprendizagem colaborativo

Proporcionar maior participação nas escolas com vistas à construção do conhecimento, além de ser considerada uma condição quase que consensual nos dias atuais, deve ser encarada, principalmente, enquanto orientação oficial, advinda de normas e parâmetros legais. O Ministério da Educação, por exemplo, deixa claro em seu *Guia de Orientações Metodológicas Gerais para Professores Alfabetizadores* (BRASIL, 2001) e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa* (BRASIL, 1998), que trocar informações com outros leitores é crucial para o aluno.

Esses documentos orientam, ainda, que o conhecimento prévio do aluno é um princípio didático que deve ser considerado por todo professor. É a partir do que já se sabe que novos saberes podem ser mais bem adequadamente agregados, em um processo de construção colaborativa (e não de “transmissão”) de conhecimentos.

A troca de experiências e de saberes na escola parece ser mesmo um mecanismo que favorece o sucesso do ensino e da aprendizagem e vai além disso: contribui para que todos se sintam membros constituintes do grupo e essenciais diante das necessidades das situações de aprendizagem. Uma organização da prática escolar que leva em consideração esses pressupostos, sem dúvida, concebe os diferentes integrantes enquanto sujeitos tanto em transformação quanto transformadores. Em outras palavras, são sujeitos que, a partir da interatividade, podem ser capazes de agir e de intervir no mundo.

Acerca disso, um dispositivo didático muito promissor, em especial nesses tempos em que é preciso lidar com a interação presencial e virtual e a profusão de informações a que temos acesso, é o que advém dos chamados projetos de letramento (KLEIMAN, 2000). Nesses projetos, a cooperação é um elemento indispensável. Um aluno pode, por

exemplo, atuar orientando os outros colegas até que seja necessário que outro ocupe essa posição ou convide um agente externo à sala de aula para que também contribua no processo. Isso significa que, nos projetos de letramento, todo e qualquer indivíduo imbuído de saberes pode estar a serviço da construção do conhecimento.

Os projetos de letramento são vistos como uma concepção de aprender diferenciada, que leva em conta formas de aprendizagem situadas (LAVE & WENGER, 1991), em que o foco são as práticas sociais cotidianas. Eles se desenvolvem por meio de uma rede de ações coletivas e colaborativas, que visam ao desdobramento de necessidades que surgem de interesses da vida cotidiana de estudantes e professores. Essas ações, assim como outras práticas sociais, são mediadas pela leitura e pela escrita. Porém, diferentemente do que ocorre no ensino tradicional, elas têm uma função social real que não a de comprovar ao professor que já se sabe ler e escrever. Nesse dispositivo didático, a leitura e a escrita são instrumentos para que outras ações se realizem: ações sociais que ultrapassam os muros da escola.

Para Ângela Bustus Kleiman (2000, p. 238), um projeto de letramento é

um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve a escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade. O projeto de letramento é uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como "escrever para aprender a escrever" e "ler para aprender a ler" em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto.

Esses projetos funcionam a partir da constituição de comunidades de aprendizagem (CROSS, 1998). Nessas comunidades, a aprendizagem e o ensino se dão de maneira compartilhada, interesses, conhecimentos e sentimentos são conciliados. Dessa forma, "professores e alunos, na qualidade de agentes de mudança [...] agem colaborativamente, potencializando recursos para compreender o mundo e alcançar resultados que verdadeiramente lhes interessem". (OLIVEIRA, 2010a, p. 130)

Alunos e professores atuando em conjunto nessas comunidades de aprendizagem são o cerne do trabalho colaborativo nos projetos de letramento. Ambos agem como mediadores no processo de ensino-aprendizagem, são agentes humanos que interagem comunicativamente e

propagam os usos da leitura e escrita para resolverem situações-problema que interessam a todos. Esses indivíduos seriam, conforme Ângela Busstos Kleiman (2007, p. 21) agentes de letramento, significando que

O agente de letramento é capaz de articular interesses compartilhados pelos aprendizes, organizar um grupo ou comunidade para a ação coletiva, auxiliar na tomada de decisões sobre determinados cursos de ação, interagir com outros agentes (outros professores, coordenadores, pais e mães da escola) de forma estratégica e modificar e transformar seus planos de ação segundo as necessidades em construção do grupo.

Importante ressaltar ainda que, para ser um agente de letramento não é necessário ou obrigatório estar atrelado a uma instância maior que promove sistematicamente a aprendizagem, como a escola. Indivíduos podem ser agentes de letramento pelo simples fato de se relacionarem socialmente via ações que mobilizam gêneros textuais. O agente de letramento seria, conforme Maria do Socorro Oliveira (2010b, p. 51), “um mobilizador de recursos, atentos às necessidades, potencialidades e saberes dos membros da comunidade de aprendizagem (escola) e voltado para a construção da autonomia do aluno”.

Quem opta por trabalhar com projetos de letramento, intimamente atrelados às demandas de escrita que permeiam o contexto social, deve estar atento aos aspectos atuais e relevantes que dizem respeito às efetivas vivências com a escrita. Esse ponto é significativo porque diz respeito aos gostos dos discentes e à valorização que é dada a determinadas práticas de escrita. Nos projetos de letramento, dever e prazer podem estar associados; com isso, as aulas ganham um tom mais “recreativo” – brincar, jogar, interagir – desde que os alunos não percam de vista as metas propostas para cada etapa do projeto em desenvolvimento.

É importante frisar esse aspecto de objetivos e metas porque, quando se imagina um ensino baseado no processo colaborativo, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num ambiente de aprendizagem em que uma rede de ações interdependentes visa à construção do conhecimento, pautadas na valorização e no respeito aos participantes, de forma que todos se sintam mobilizados a pensar em conjunto e a tomar as melhores decisões. A inclusão do aluno como agente no processo de ensino-aprendizagem é de suma importância para esse dispositivo didático.

A escola concebida nos projetos de letramento é vista como um lugar de comunhão. Os professores com estudantes, pais, gestores, coordenadores, funcionários, enfim, toda a equipe forma um todo colaborati-

vo. Essa condição é indispensável para o sucesso do ensino-aprendizagem. Mais uma vez, a figura típica e central do professor dá lugar ao trabalho em grupo. A responsabilidade e o envolvimento de cada integrante da comunidade escolar modificam o funcionamento de todo o conjunto, interferindo também nas relações de poder. É necessário desconstruir a tradição que dita a escola como um lugar de subordinadores e subordinados. O professor que não fomenta a opressão pode atuar nesse sentido, incentivando a criação de estruturas horizontais de participação e de construção de aprendizagens.

Outro paradigma essencial aos projetos de letramento é o de que, ao ensinar, o professor também aprende com seus alunos. O aluno é, portanto, um ser de possibilidades e de conhecimento. Um exemplo disso é a gama de conhecimentos que já povoam o cognitivo de uma criança e que, necessariamente, não são desenvolvidos na escola: normas culturais, valores, crenças, emoções, afetividade, religiosidade, ética. Mesmo pouco considerados pelas grades curriculares, todo esse potencial pode ser explorado e ampliado pelo professor no processo de ensino-aprendizagem. As possibilidades de construção e reconstrução do saber são infinitas.

Essa é uma das grandes vantagens do trabalho de base colaborativa, os conhecimentos e experiências se proliferam. Nesses moldes, o professor atua ajudando o aluno a aprender e aprende com ele. É um processo de muitas descobertas. Os docentes podem diagnosticar, avaliar e aprimorar práticas, à medida que agem para fazer com que os alunos construam conhecimentos.

Professor e aluno são indivíduos que podem se desenvolver mutuamente, por meio das trocas na interação. Ambos são capazes, podem se transformar e transformar situações adversas. Nessa forma de aprender e ensinar, a falsa premissa da assimetria de conhecimentos entre o professor e o aprendiz não se sustenta, o que, de fato, existe são saberes diferentes. Caberia ao professor, portanto, refletir sobre algumas distinções cruciais: não basta escutar, é preciso ouvir o outro. Não é suficiente olhar, é preciso enxergar o outro.

É importante que professor e aluno estabeleçam uma parceria, uma relação dialógica em que ambos se educam, cada um contribuindo com conhecimentos e experiências, assim como preceitua Paulo Freire (2005),

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado,

também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas. (FREIRE, 2005, p. 79)

Tudo isso condiz com a interação no mundo atual, que é constante, apresenta grande quantidade de informações e enorme rapidez. Logo, não faz sentido um professor agir nos dias de hoje como agia tempos atrás. Possivelmente, ele não obterá sucesso se continuar sua postura de mero “transmissor” de conhecimentos. Esse profissional, indispensável na organização do processo de ensino e aprendizagem, tem de ser o maior estimulador de processos que conduzem os alunos a desenvolver valores, atitudes, conceitos, competências e habilidades. Para isso, precisa acompanhar as mudanças de seu tempo, que é agora.

Nesses novos tempos, é indispensável que o professor utilize as diversas linguagens em prol da compreensão, inclusive aquelas ancoradas em novas tecnologias; desencadeie discussões que estejam em sintonia com as situações e os contextos vivenciados no mundo, com foco especial no meio social ao qual os alunos estão inseridos; trabalhe para que o aluno possa conectar, autonomamente, aquilo que foi compreendido a outros aspectos, dando continuidade, assim, ao próprio processo de aprendizagem. Dessa forma, o professor assume o seu papel no processo de ensino e aprendizagem, buscando favorecer uma postura reflexiva e investigativa por parte dos alunos, colaborando para a construção da autonomia de pensamento e da ação e, por conseguinte, ajudando-os a exercerem plenamente a cidadania.

É por essa razão que nos projetos de letramento a figura do agente é primordial. Mesmo em tempos de grande transformação tecnológica, o professor continuará a ser um agente de letramento indispensável. Ele precisa estar atento aos sinais do grupo, pois é ele quem planejará as situações para que a aprendizagem ocorra e pensará nos dispositivos que melhor despertarão o interesse dos educandos. A ele caberá, também, sistematizar as discussões que surgem, agindo ativamente no sentido de encontrar as melhores soluções para estimular o processo natural de construção do conhecimento dos aprendizes.

Para a implementação de uma postura nesses moldes é imperioso o professor fazer o que gosta e gostar do que faz. Um professor que não gosta de ensinar pode, isoladamente, dar uma excelente aula, mas o que está em pauta nos projetos de letramento vai muito além de momentos estanques de ensino e com objetivos também estanques. O professor, que

atua nessa perspectiva, não estimula a aprendizagem fundada em critérios individuais e competitivos. Pelo contrário, ele é um ser de solidariedade, que aposta no sucesso dos alunos e entende que educação é algo que se faz todo dia e para toda a vida, por isso a preparação é contínua e a participação de todos é vital.

3. *Considerações finais*

Os projetos de letramento representam uma maneira alternativa de se vivenciar o ensino-aprendizagem. Nesses tempos de intensa circulação de informações, ele se torna importante porque enxerga nos diferentes integrantes da comunidade escolar potenciais que podem ser explorados com vistas ao fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem. A ideia é a de que alunos, professores e outros agentes podem atuar como eficazes articuladores de saberes quando operam na qualidade de agentes de letramento.

Os projetos de letramento são um importante dispositivo didático que orienta a vivência de ações de ensino-aprendizagem significativas. Educadores que acreditam nos resultados do trabalho colaborativo podem levar em consideração essa possibilidade didático-pedagógica na hora de planejar suas ações. As atividades implementadas em projetos de letramento, orientadas pela efetiva participação, estimulam o contato interpessoal, fortalecem as relações afetivas, descentralizam o saber e beneficiam o processo de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental - língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. *Guia de orientações metodológicas gerais para professores alfabetizadores*. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CROSS, Patricia K. Why learning communities? Why now? *About Campus*, vol 3, n. 3, p. 4-11, 1998. Disponível em: <http://www.faculty.umb.edu/john_saltmarsh/Articles/cross.pdf>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KLEIMAN, Ângela Bustus. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: ____; SIGNORINI, Inês. *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 223-243.

_____. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, vol. 32, n. 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>>

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press, 1991.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. Variação cultural e ensino/aprendizagem de língua materna: os projetos de letramento em comunidades de aprendizagem. In: VÓVIO, Claudia; SITO, Luanda; DE GRANDE, Paula (Orgs.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, p. 121-140, 2010a.

_____. O papel do professor no espaço da cultura letrada: do mediador ao agente de letramento. In: SERRANI, Silvana. (Org.). *Letramento, discurso e trabalho docente*. Vinhedo: Horizonte, 2010b, p. 40-55.

_____. Gêneros textuais e letramento. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, vol. 10, n. 2, p. 325-345, 2010c. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v10n2/03.pdf>>.